

Um corpo na escuridão: o estágio do espelho em cegos

A body in darkness – the mirror stage in blinds



Maria Josefina Medeiros Santos*

Luciana Andrade Marinho*

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil

Resumo

O estágio do espelho é uma noção forjada por Jacques Lacan no ano de 1936. O estágio do espelho diz respeito a um momento crucial na vida da criança no qual ela finalmente faz a conquista de sua imagem corporal. A apropriação de sua imagem pela criança acontece por intermédio da visão de seu corpo refletido no espelho, e pelo modo como se dá a interação com a mãe, ou outra figura, nesse momento. Dessa maneira, como ocorreria a passagem da criança cega pelo estágio do espelho? O presente artigo pretende elucidar o modo como a criança incapaz de enxergar efetua a conquista de sua identidade corporal.

Palavras-chave: Estádio do espelho, Cegueira, Imaginário, Identificação.

Abstract

The mirror stage is a notion coined by Jacques Lacan in the year of 1936. The mirror stage concerns a crucial moment in a child's life in which she finally conquers her body image. The appropriation of her image by the child happens intermediated by the vision of her body reflected in the mirror, and by the way it interacts with her mother, or other figure, at this moment. So how would occur the passage of a blind child through the mirror stage? The present article intends to elucidate the way how the child incapable of seeing effectuates the conquest of her body identity.

Key-words: Mirror stage, Blindness, Imaginary, Identification.

* As autoras gostariam de agradecer pela orientação e atenção concedidas pela Professora Suelli Burgarelli.

A noção de narcisismo possui um destacado status na teoria lacaniana. Após o término de sua tese de doutorado, no ano de 1932, Jacques Lacan anuncia a sua pretensão de voltar-se para uma sistemática e restaurada elucidação do narcisismo, partindo de investigações sobre a paranóia, a formação do eu e a agressividade (Nasio, 1997). A noção referente ao narcisismo também foi central na metapsicologia freudiana, contudo, Lacan, com seu “retorno a Freud”, buscou tratar essa temática sob um viés diferenciado. É nesse contexto (1936), que Lacan cunha o termo “estádio do espelho”, noção que diz respeito a um momento específico na vida da criança no qual ocorre o reconhecimento de sua imagem corporal, e uma conseqüente identificação com esta. Lacan, em seus *Escritos*, compreende o estágio do espelho como:

“[...] um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental” (Lacan, 1949/1998, p.100).

O estágio do espelho foi concebido a partir de contribuições advindas de outras searas que não a psicanalítica. Lacan resgatou estudos que se baseavam em dados experimentais da psicologia comparada, especialmente os estudos relativos ao transativismo (Bühler), à pesquisa dos fenômenos de imitação da primeira infância (Baldwin), à investigação das reações do chimpanzé frente ao espelho (Köhler) e à descrição do comportamento da criança diante de sua própria imagem (Wallon) (Sales, 2005). Todas essas pesquisas foram extremamente profícuas para Lacan, conferindo-lhe um instrumental poderoso para regimentar a sua construção teórica acerca do estágio do espelho.

Não se pode esquecer, entretanto, as próprias contribuições freudianas para a estruturação desse conceito. O estágio do espelho emerge em um momento tal da vida do infante que este se encontra totalmente assujeitado aos cuidados maternos; como colocaria Lacan, o bebê humano nasce fetalizado, ou seja, em uma situação de “inacabamento anatômico” (Lacan, 1998, p.100). Freud, nas suas primeiras teorias, já falava sobre esse desamparo infantil na ocasião do nascimento, concepção que é mantida e trabalhada na elucidação do estágio do espelho efetuada por Lacan.

Outra questão central da teoria freudiana que é vislumbrada no estágio do espelho é a identificação. Freud confere a esta uma importância significativa em sua teoria, afirmando que a identificação é o processo primordial da construção egóica (“o ego é um precipitado de identificações” [Freud, 1923/1976, p.45]). Embora Freud não trabalhe em sua obra a questão concernente à identificação da criança com sua imagem, ele dispensa esforços no sentido de compreender de que modo os processos identificatórios reverberam na estruturação do ego. No seu trabalho relativo à “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), o autor defende que a identificação é “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1921/1976, p.133). A identificação, dessa maneira, possibilita uma amenização desse desamparo imanente ao ser humano. Os processos identificatórios trabalhados por Freud permitem ao indivíduo se reconhecer no mundo dos homens, instaurando a possibilidade, por parte do indivíduo, de um reconhecimento totalizado de si e dos outros que o cercam.

Feitas as considerações iniciais acerca dos fundamentos que possibilitaram a gênese da concepção referente ao estágio do espelho, podemos finalmente nos indagar: Se o estágio do espelho é um “drama” que está intrinsecamente relacionado ao sentido da visão, como esse ocorreria em uma criança cega? Esse trabalho tem como

objetivo pesquisar como esse marco estruturante ocorre em indivíduos que possuem uma cegueira do tipo congênita, ou seja, que são plenamente incapazes de enxergar desde o nascimento. Antes de prosseguirmos, insta salientar que o referido estágio está associado a uma construção simbólica. Diferentemente do espelho concreto dos estudos de Wallon, o espelho trabalhado por Lacan pode ser compreendido como uma metáfora para falar de um olho que se vê no olho que lhe olha.

O estágio do espelho, de acordo com Dor, é definido como um processo de identificação fundamental, durante o qual a criança faz a conquista da imagem de seu próprio corpo (1989). Tal identificação primordial da criança com essa imagem especular irá promover a estruturação do *Eu*, dando fim à vivência denominada por Lacan como o “fantasma do corpo esfacelado” (Lacan apud Dor, 1989, p.79). Antes do estágio do espelho, a criança não experimenta o corpo como uma totalidade unificada, mas como uma entidade dispersa.

É importante efetuar uma diferenciação entre os termos “fase” e “estádio”. A fase refere-se a algo que se desenvolve de maneira natural e depende da maturação do organismo. Já o estágio, diz respeito a um momento particular da vida do sujeito que não está associado ao seu desenvolvimento fisiológico. Embora seja especulado que o estágio do espelho ocorra por volta dos seis meses aos dezoito meses de idade, não é evidenciada qualquer mudança clara no desenvolvimento físico para que esse seja alcançado. Pesquisas na área da Psicologia do desenvolvimento comprovam que crianças adquirem um auto-reconhecimento ao redor dos dezoito aos vinte e quatro meses. Os estudos que trataram desse tema sustentaram-se na relação das crianças com suas imagens diante do espelho. Como nos mostra Shaffer, Michael Lewis e Jeanne Brooks-Gunn efetuaram um experimento, no ano de 1979, que ficou bastante reconhecido no âmbito da Psicologia, denominado *teste do*

blush. Esses pesquisadores pediram para que as mães aplicassem disfarçadamente um ponto de *blush* na ponta do nariz de seus bebês e, então, os colocassem na frente de um espelho. Se os bebês possuísem um esquema para suas próprias faces e se reconhecessem no espelho, deveriam notar rapidamente o novo ponto vermelho e tocá-lo ou esfregar seus próprios narizes. Sinais de auto-reconhecimento foram observados em especial naquelas crianças que possuíam idades por volta de dezoito a vinte e quatro meses. É interessante observar, de acordo com pesquisas realizadas por Shaffer, que até crianças que vivem em tribos nômades e não possuem uma relação próxima com espelhos, começam a demonstrar auto-reconhecimento no teste do *blush* em uma faixa etária semelhante a das crianças urbanas (2005). Nesses estudos, entretanto, não são delimitadas quais conquistas físicas ou cognitivas são necessárias para que o auto-reconhecimento ocorra. Esse fato corrobora a visão de Lacan que compreende o estágio do espelho como algo para além do desenvolvimento infantil, configurando-se como um paradigma que determina a estruturação em definitivo da subjetividade (Sales, 2005).

O estágio do espelho organiza-se em torno de três tempos fundamentais. Inicialmente, a criança se vê emersa em uma situação na qual predomina uma confusão entre si e o outro. Diante da experiência de observar um outro bebê, ou de se ver retratada em uma foto ou diante do espelho, a criança tem o impulso de se apoderar da imagem que lhe surge. Em função da impossibilidade de alcançá-la, a criança parte para o segundo momento do estágio do espelho. Nesse tempo, o infante é levado a descobrir que o outro no espelho não é um outro real, mas uma imagem. Esse é um importante passo, uma vez que a criança se torna capaz de distinguir entre a *imagem* do outro e a *realidade* do outro. Por fim, a criança percebe que aquela imagem no espelho não é uma qualquer, mas a sua própria. Nes-

se instante, é fundamental a presença da figura materna para assegurar à criança que o júbilo que ela sente por perceber-se inteira é autêntico (Dor, 1989). Nesse sentido, o estágio do espelho configura-se como uma experiência essencialmente estruturante no sentido de que confere à criança uma integridade corpórea: "(...) trata a relação do sujeito com seu próprio corpo em termos de sua identificação com uma imago, que é a relação psíquica por excelência." (Lacan, 1998, p.97).

Lacan, em sua teorização acerca da construção da identidade do sujeito, sugere que a estrutura do sujeito é paranóica. Com essa afirmação, ele pretende dizer que a estrutura psíquica se constitui a partir da alteridade. O sujeito não reconhece prontamente o que lhe pertence, mas o percebe do lado de fora, no outro. A alteridade só é passível de ser percebida por intermédio do estágio do espelho, momento em que se nota, pela primeira vez, a factual presença de um outro. "Dessa forma, o estágio do espelho acaba por definir algo que não se refere nem a um simples estágio, nem somente à experiência do espelho, pois o que está em jogo no final das contas é o advento da alteridade" (Ogilvie apud Sales, 2005).

O estágio do espelho, assim como o complexo de Édipo, se configura como uma encruzilhada estrutural. A maneira como o sujeito lida com esses dois eventos repercute diretamente na sua estruturação psíquica. Lacan inaugurou uma tradição clínica bastante preocupada com o diagnóstico estrutural, ou seja, ele voltou seus esforços no sentido de determinar com mais especificidade o modo como se operam as estruturas em cada paciente. O diagnóstico estrutural busca apontar em qual estrutura clínica (psicótica, neurótica ou perversa) o sujeito se inscreve, sendo a estrutura neurótica considerada a norma. A psicose possui peculiaridades que não cabe elucidar no presente trabalho, contudo, vale considerar sobre sua relação com o estágio do espelho. A forclusão do Nome-do-Pai, ou seja, opera-

ção que instaura uma fratura inicial no tecido psíquico que implica um exílio do psicótico do campo da linguagem, conduz a criança a um aprisionamento especular em relação à mãe, aprisionamento profundamente assinalado pela rivalidade e beligerância, aspectos típicos do registro imaginário (Rabinovich, 2005).

Não há uma cronologia que demarca o surgimento das instâncias imaginária, simbólica e real, uma vez que essas são mutuamente constitutivas. No entanto, em diferentes momentos de sua construção teórica, Lacan conferiu importâncias distintas a esses registros. Até 1970, Lacan atribuiu maior destaque a instância simbólica, modificando posteriormente tal concepção para ressaltar então o predomínio do real. À parte de tais hierarquias instanciais, devemos nos centrar no sentido de construir definições teóricas que melhor esclareçam a noção de estágio do espelho.

Define-se o imaginário como "o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo" (Roudinesco & Plon, 1998, p.371). Segundo Miller, o imaginário revela a existência do eu em sua precariedade, do eu em sua mais absoluta desordem (1988). A loucura pode ser compreendida como um mergulho radical nesse registro, sendo dado por louco aquele que adere ao imaginário sem mediação simbólica: "Se o imaginário é doente no psicótico, ele o é de certa maneira, no entanto ele não é tratado pelo imaginário" (Soller, 2002, p.14).

O simbólico, por seu turno, "é um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização" (Roudinesco&Plon, 1998, p.714.). O simbólico é aquele lugar inaugurado pela operação da metáfora paterna, operação esta em que a criança assente ao Nome-do-Pai como aquele significante capaz de recobrir de significado o desejo

materno. De acordo com Miller, a instauração do registro simbólico demarca a manipulação por parte do sujeito do mundo da linguagem, assim como a sua condição de sujeito desejante. Se o imaginário é o registro da rivalidade, o simbólico é o da palavra, da mediação pacificadora (1998).

O real, por sua vez, é aquela instância que apreende tudo o que não foi tocado pelo simbólico. O sintoma aparece como uma reminiscência não simbolizada, o que nos conduz ao axioma lacaniano que entoa: “o que é recusado pelo simbólico reaparece no real”. Miller descreve o sintoma como essa invasão do real, nos dizendo que “o sintoma se deve a um defeito de simbolização, que constitui um centro de opacidade no sujeito porque não foi verbalizado, porque não passou à palavra.” (Miller, 1988, p.19).

Retornando ao estágio do espelho, podemos dizer que ele é o foco basilar da teoria do imaginário. Nessa encruzilhada estruturante, o que vemos é a:

“[(...)] adoção de um ponto de vista estrutural que ainda não fez nascer a ênfase no registro do simbólico e que é aplicado ao quadro da teoria do imaginário em seu momento mais característico; ou seja, é quando a reflexão sobre a imago ganha seus mais longos e ricos desdobramentos que seus impasses começam a se fazer sentir, dando lugar à necessidade de se lançar mão de uma outra dimensão de análise.” (Sales, 2005).

Uma vez que o presente artigo busca elucidar o modo como se dá a passagem da criança cega pelo estágio do espelho, devemos nos debruçar sobre a afecção concernente à cegueira. Esta se caracteriza pela incapacidade de enxergar ou pela ausência da percepção dos estímulos visuais, condição esta que pode ser o resultado de doenças oculares, doenças do nervo óptico, doenças do quiasma óptico ou doenças cerebrais que afetam as vias visuais ou o lobo occipital (Paschoal, 2007).

Existem três tipos de cegueira: congênita, adquirida e da terceira idade. Por ora, iremos nos ater às duas primeiras formas.

A cegueira congênita configura-se como aquela na qual o indivíduo é acometido pela incapacidade total de perceber os estímulos visuais, desde a tenra infância. Suas causas podem variar desde determinação hereditária até complicações durante o parto em função de sífilis materna. Algumas formas de cegueira congênita surgem não necessariamente desde o nascimento, se manifestando até a idade de um ano. (Paschoal, 2007) Como foi exposto anteriormente, o estágio do espelho costuma se dar entre os seis meses e dezoito meses de idade. Desse modo, as crianças que são acometidas pela cegueira mais tardiamente, precisamente após os dezoito meses de idade, podem caminhar pelo o estágio do espelho de maneira semelhante às crianças videntes. A cegueira congênita que aplaca o infante desde o seu nascimento, por sua vez, repercutirá na maneira como se dá sua passagem por esse estágio. As particularidades desse caso serão discutidas logo adiante. A cegueira adquirida, por seu turno, pode acometer indivíduos de quaisquer idades, podendo ter causas diversas como toxoplasmose, traumas intracranianos e acidentes oculares.

A constituição do Eu se dá por intermédio da imagem do outro. E essa imagem só pode ser capturada através do olhar. O olho se acha na base de toda a identificação e sempre supõe a presença do outro, sendo esse outro uma captação imaginária que caracteriza o narcisismo. A criança surge imersa tanto em um banho de linguagem quanto em um imagético. À princípio, a imagem que captura com maior intensidade o olhar do infante é a figura materna. O olhar da mãe que vigia a criança figura como um elemento estruturante. Ele não só assegura à criança sua inteireza corpórea quando diante do espelho, como também garante que ela é amada e querida. Green faz referência ao chamado “olhar vazio” da mãe e de suas repercussões na sanidade psíquica da criança. Aquela figura materna que não se sente envolvida com a criança, e não a trata como representante do seu desejo, ostenta

um olhar vazio, ou melhor, um olhar destituído de afeto. Como conseqüência, a criança se sente desamparada e pode vir a desenvolver um quadro melancólico em que se culpa e se auto-deprecia, uma vez que está identificada com o objeto perdido que é a mãe (1988).

Embora Freud considerasse a função do olhar marginal, pois para ele a psicanálise deveria se restringir à escuta e à interpretação verbal, a questão concernente ao olhar nunca foi abandonada em sua teoria. Freud trabalhou no sentido de circunscrever o olhar ao campo da sexualidade, o que o levou a elaborar a existência de uma pulsão sexual visual. A ação instrumental de ver, em um determinado momento da vida da criança, acompanhada por certo grau de intensidade, resultaria no *prazer de ver*. Mezan nos diz que “Esse é o momento de nascença da pulsão erótica, que vem subverter o sentido do ato de olhar e desviá-lo de sua função originalmente ligada à auto-conservação” (Mezan, 2002, p.53). A criança cega, privada dessa pulsão escópica que tem como meta o desvendamento e inspeção de um determinado objeto, irá utilizar recursos táteis e auditivos para perceber o mundo e a si. Na criança incapaz de enxergar, a pulsão sexual visual se perde, mas como bem sabemos, a pulsão é extremamente móbil e sempre encontra seus meios de alcançar satisfação (Furtado, 2005).

Se a criança vidente experimenta o júbilo de se sentir una a partir da experiência do espelho associada à autenticação da mãe a respeito da sua integridade, a criança cega fará uso de meios alternativos para alcançar experiência semelhante. Nesse sentido, pode-se supor que haverá a primazia dos sentidos táteis e auditivos em detrimento do visual. As crianças que enxergam alcançam a alteridade e também sua própria identidade ao perceberem a imagem do outro. E como ocorreria isso nas crianças cegas?

O sistema nervoso humano possui uma plasticidade singular, o que lhe confe-

re uma adaptação funcional ao ambiente em que vive. Se um indivíduo encontra-se privado da recepção do estímulo visual, esse irá encontrar meios outros que permitam o seu ajustamento. E é de tal forma que os cegos se arranjam, perseverando por meio de recursos sensoriais táteis, visuais, auditivos, olfativos, gustativos e proprioceptivos. É a labilidade do corpo humano que permite que, esses sentidos que intermedeiam a relação do organismo cego com o mundo externo, se agucem e possibilitem uma relação mais eficaz com o meio no qual se insere. Em razão disso, o estágio do espelho, essa encruzilhada estrutural que permite o próprio nascimento do eu, também se erige em crianças cegas, contudo, de modo plenamente distinto. Se, para a criança vidente, a exultação de sentir-se inteira se dá pelo espelho e pela garantia materna que sustenta a sua empolgação como legítima, para a criança cega o espelho não é o recurso que viabiliza sua percepção corporal, mas a mãe o é. Para essas crianças, a figura materna é uma espécie de espelho verbal e tátil. A criança cega não se percebe através do olhar materno, mas o faz por intermédio de sua voz e de seus toques. A criança cega percebe sua unidade corporal por meio do contato das mãos de sua cuidadora, que deslizam por todo seu corpo, garantindo-lhe uma delimitação anatômica. O alcance da noção de inteireza física, para as crianças incapazes de enxergar, também é possibilitado pela nomeação das partes do corpo pela mãe. Esta, em sua interação com a criança, lhe toca os membros e conversa com ela, atribuindo significantes a cada uma das partes de seu corpo: “Este é o seu braço, e esta é a sua perna...” Essa enunciação nominal das peças anatômicas, associada ao toque delimitador materno, possibilita que a criança cega também abandone o fantasma do corpo esfacelado e rume no sentido da integridade corpórea e da identificação narcísica.

É só após a passagem pelo estágio do espelho que a criança torna-se apta a in-

gressar em um outro momento igualmente estruturante – o complexo de Édipo. É nesse instante que o infante deixa a condição de assujeitamento ao desejo materno, e guia-se rumo à outra dialética, na qual o registro simbólico emerge, onde até então só se delineava a instância imaginária. A entrada no registro simbólico se dá pela operação da metáfora paterna, em que o Nome-do-Pai é colocado como aquele significante capaz de nomear, recobrando de significado, o desejo materno. Em função desse terceiro elemento que se interpõe na relação entre a mãe e o filho, este é levado a simbolizar a ausência materna, passando a investir em objetos substitutivos do objeto perdido.

Toda a configuração supra-exposta ocorre de maneira análoga na criança cega, havendo, entretanto, algumas especificidades. Se a criança vidente *enxerga* o olhar da mãe se desviando para outro local que não o dela, e percebe que este local é preenchido pela figura paterna, a criança cega ouvirá, de uma maneira quase cenestésica, a ausência materna e sua associação com o estar presente paterno. A criança vidente possui mais recursos para compreender que o pai é a lei que mediatiza sua relação com a mãe, podendo não só ouvi-lo como vê-lo na posição de poder. A criança cega, por seu turno, encontra-se menos instrumentalizada para notar a lei paterna, uma vez que esta só pode ser percebida de forma acústica ou tátil. No entanto, devido a já mencionada habilidade adaptativa humana, a criança cega encontra os seus meios para se adaptar à frustração advinda da interposição paterna, caminhando também para uma lógica em que se instaura o registro simbólico e sua condição de ser desejante (assim ocorre em sujeitos não psicóticos).

Diante do exposto, pode-se perceber que o inconsciente do indivíduo cego se instaura de maneira relativamente semelhante ao de videntes. Nos cegos, também se configuram uma espécie de estágio do espelho, a operação da metáfora paterna, o recalque originário e a instalação do inconsciente. Trazendo a discussão para um âmbito biológico, vale dizer que alguns estudos em Neurociências, que utilizaram tomografia computadorizada para analisar a ativação do córtex visual em cegos e videntes, assinalaram parencas entre o funcionamento do cérebro de ambos. Em tais pesquisas, ao se solicitar a cegos e videntes que imaginassem figuras conhecidas por ambos, como uma mesa, constatou-se que a estimulação cerebral na área visual era muito semelhante. (Gil, 2005).

A psicanálise é freqüentemente aviltada por argumentos que a julgam limitada, uma vez que contemplaria apenas fenômenos bastante específicos. Um exemplo que toca esse tipo de argumento seria aquele que esvazia a relevância teórica do complexo de Édipo em decorrência da estruturação familiar moderna, plenamente distinta daquela vitoriana na qual foi concebido. Nessa mesma linha, acusações semelhantes concernentes ao estágio do espelho podem emergir. Detratores da psicanálise podem desmerecer esta contribuição lacaniana, dizendo que ela se restringiria apenas a um conjunto de seres humanos: os videntes. No entanto, a partir da realização do presente trabalho, pode-se perceber o contrário, ou seja, que o alcance da teorização referente ao estágio do espelho é muito maior do que se suporia. Os cegos, por acessos alternativos, também caminham pela encruzilhada estrutural do estágio do espelho. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. (C.E Reis, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1976) *Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.[ESB]* (J.O.A Abreu, Trad.). Rio de Janeiro : Imago.
- _____. *Psicologia de grupo e a análise do ego (1921/1976)*. Vol. XVIII da ESB. Rio de Janeiro:Imago.
- _____. *O Ego e o Id (1923/1976)*. Vol. XIX da ESB. Rio de Janeiro: Imago.
- Furtado, A.M.A.P. (2005). Mais além da infelicidade banal. In: *Griphos psicanálise*.
- Gil, R. (2005). *Neuropsicologia* (M.A.A. S Doria, Trad.). 2. ed. São Paulo: Santos Livraria.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. (1988). (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (1998) *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Miller, J.A. (1988). (A.Roitman, Trad.) *Percurso de Lacan – uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nasio, J.D. (1997). (V. Ribeiro, Trad.) *Lições sobre os 7 conceitos cruciais em Psicanálise*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Paschoal, M.A.V. (2007). *Manual de Oftamologia*. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). (V. Ribeiro, Trad.). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rabinovitch, S. (2001). (L.Magalhães, Trad.). *A foraclusão – Presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sales, L.S. (2005). *Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário*. Rev. Dep. Psicol.,UFF vol.17 no.1 Niterói Jan./June.
- Shaffer, D.R.(2005). (C.R.P.Cancissu,Trad.).*Psicologia do desenvolvimento:infância e adolescência*. São Paulo: Thomson.

Recebido em: 23/03/2008

Revisado em: 02/11/2008

Aceito em: 04/12/2008

Sobre as autoras:

Maria Josefina Medeiros Santos é aluna do curso de graduação em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. **E-mail:** marianin83@yahoo.com.br

Luciana Andrade Marinho é aluna do curso de graduação em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.